
REFLEXÕES SOBRE AS AÇÕES FORMATIVAS DO INSTITUTO DE APLICAÇÃO FERNANDO RODRIGUES DA SILVEIRA- CAP-UERJ

Ana Lucia Gomes De Souza¹
Liliane Neves²

Apresentação

Neste trabalho temos a intenção de trazer reflexões sobre a ação formativa do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, CAP- UERJ. Em 1957 o Instituto foi criado e inicialmente denominado Ginásio de Aplicação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Mais tarde transformou-se em Colégio de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira em homenagem ao seu primeiro diretor e fundador até que nos anos de 1998 foi viabilizada a sua transformação em um Instituto da Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ.

Neste sentido, vem reafirmando ao longo do tempo a sua importância na formação inicial e continuada de professores ao se constituir como uma escola de educação básica ao mesmo tempo em que se apresenta como um espaço de formação docente, viabilizando a ampliação de atividades aos seus estudantes, além de desenvolver pesquisa acadêmica fomentando a interação entre os seus professores pesquisadores e estudantes.

Nosso foco aqui recai sobre a ação do Departamento de Ensino Fundamental- DEF, que corresponde ao trabalho realizado no Núcleo Comum dos primeiros anos do ensino fundamental, bem como as experiências extensivas formativas realizadas por sua equipe de docentes.

A relevância dos programas de extensão desenvolvidos através do DEF do CAP-UERJ se apresenta pela proximidade com a escola pública, através de parcerias firmadas com as redes municipais de ensino, e, sobretudo, pela troca significativa entre professores da educação básica.

¹ Doutoranda do PPGEDuc/UFRRJ, Professora Assistente do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira – CAP-UERJ, analucia.eja@gmail.com

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFF, Professora Assistente do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira – CAP-UERJ, lilianenevesmoura@gmail.com



Caracterização da Escola

Fundado em 1957 como campo de estágio e experimentação metodológica, em cumprimento ao Decreto Lei 9053/1946 que deliberou que todas as Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras deveriam organizar um Colégio de Aplicação, tendo em vista a necessidade de experimentação metodológica nos cursos voltados à Educação e Licenciatura. Nascia assim o Ginásio de Aplicação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da então Universidade do Distrito Federal (UDF).

O Instituto está localizado atualmente na Rua Santa Alexandrina nº 288, no bairro do Rio Comprido, na área periférica ao centro metropolitano da cidade Rio de Janeiro. O prédio é composto de dois blocos e tem como esfera administrativa proprietária a Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Reconhecido pela comunidade em geral, pela qualidade do ensino que oferece, o CAP/UERJ vem desenvolvendo em sua prática cotidiana um trabalho que se preocupa, efetivamente, em garantir aos seus estudantes, uma formação geral, sólida, diversificada, continuada e inclusiva, favorecendo uma consciência crítica que permita uma percepção do mundo em todos os seus aspectos e nuances.

O CAP-UERJ atende por volta de 1100 estudantes distribuídos entre o ensino fundamental e ensino médio, graduação e pós-graduação. Nos anos iniciais do ensino fundamental (1º ao 5º anos de escolaridade) compreendem 15 turmas no total, sendo 3 turmas para cada ano de escolaridade, com aproximadamente 20 estudantes por turma, totalizando um número próximo de 150 alunos matriculados por ano neste segmento de ensino .

O público de estudantes que circula no CAP-UERJ é muito variado e eclético em relação a faixa etária (devido as especificidades dos segmentos de ensino). O acesso ao Instituto acontece via sorteio público, destinado à crianças de 5 a 7 anos para o primeiro ano de escolaridade. E através de Concurso Público para o 6º ano, onde a critério de acesso passa a ser a conclusão do 5º ano de escolaridade.

Atualmente, contamos com muitos docentes do CAP-UERJ oriundos do Concurso de 2015, cuja exigência mínima na formação foi a pós-graduação *Stricto Sensu*. Contudo, ainda conta-se no quadro docente com professores substitutos.

O fator sócio-econômico de nossos estudantes também é variado. O sorteio possibilita a procura por diversas classes sócio-econômicas. Em linhas gerais, encontramos uma boa participação da comunidade escolar nas ações propostas pelo CAP-UERJ.



Fundamentação teórica

Considerando as recentes discussões acerca das diretrizes curriculares nacionais para a formação inicial e continuada em nível superior para as licenciaturas e formação pedagógica temos nos dedicado ao estudo dos Institutos de Aplicação das Universidades, como um espaço de formação que reúne teoria e prática.

Para a fundamentação teórica deste trabalho, propomos um diálogo com autores que trabalham com o campo da formação continuada, como: Antônio Nóvoa (2009), Bernadete Gatti (2009), Glat e Pletsch (2010), Roberto Leher (2016) e Mikhail Bakhtin (2011), e desta forma provocarmos uma reflexão sobre a missão formativa da Universidade Pública.

Os estudos de Antônio Nóvoa em relação à formação continuada de professores apontam para um formato de formação que considere a experiência dos formandos. E neste sentido, Nóvoa (2009) advoga a formação desenvolvida por professores para outros professores. O autor argumenta que no Brasil, os cursos de formação continuada para professores geralmente são confiados às instituições ou organizações reconhecidas como formadoras, através de projetos vinculados às prefeituras ou outros sistemas de ensino. Ele observa com preocupação a dinâmica formativa implementada por várias instituições, em diferentes espaços que tende a situar o professor num papel secundário.

Nóvoa (2009) apresenta uma proposta de formação docente que agrega a integração com a cultura profissional que advém a seu ver, de professores mais experientes. Analisando os objetivos da formação continuada para os professores em serviço, conferimos que de fato, a experiência do professor formador favorece uma troca produtiva entre pares. Não como a demonstração de um saber hierarquizado, mas sim na perspectiva da reciprocidade de saberes comuns aos pares.

Na mesma perspectiva, prosseguiremos no diálogo com Bernadete Gatti. Em suas publicações no campo da formação de professores, Gatti (1992) vem refletindo sobre a missão formativa das universidades e apresenta seu descontentamento quanto ao monopólio ou hegemonia destas instituições no campo da formação continuada (GATTI, 1992, p.71). E destaca que o principal revés não é exatamente a hegemonia que as universidades têm mantido nesta área, mas a autora revela sua inquietude com a necessidade das universidades trazerem profissionais que atuam na prática educacional para pensarem juntos sobre os processos formativos. Desta forma, ela acredita na formação continuada docente conduzida pelas universidades, compondo uma parceria com professores experientes e incluindo, inclusive, a formação dos formadores.

Gatti (1999) sinaliza casos encontrados em sua pesquisa de professores manifestando-se negativamente em relação às formações oferecidas pelas universidades. E localiza que a maioria dos cursos ministrados pelas universidades apresenta uma linguagem rebuscada demais e de difícil



entendimento ou abordagens que se situam bem distantes da prática docente e suas condições de trabalho. Outro fato para tal descontentamento seria a universidade não reconhecer a experiência dos professores em formação e sua prática educacional, chegando mesmo a desvalorizá-la no meio acadêmico. Neste sentido, Gatti (1992) aponta para um trabalho formativo do professor universitário que integre as atividades de pesquisa e de experimentação, sempre em parceria com os professores, partilhando os objetivos das formações iniciais e continuadas, valorizando e reconhecendo suas competências (GATTI, 1992, p.72).

Para abordarmos a missão formativa da universidade - assunto que desejamos destacar neste trabalho - trazemos também as contribuições de Roberto Leher, destacando, sobretudo, suas reflexões sobre o tripé que constitui a universidade pública.

No ano de 2016, durante a palestra proferida³ na Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Roberto Leher argumentou que a universidade se engrandece com a prática dos professores da educação básica. E mostrou a necessidade de trabalharmos coletivamente, lutando contra elementos coercitivos que rodeiam as escolas. Ao se referir aos professores universitários, Leher os apresenta como organizadores intelectuais, do qual requer conhecimento profundo sobre o que é feito na escola de educação básica. Sublinhou ainda que os professores universitários precisam enaltecer a capacidade criativa das escolas e unir esforços propositivos em busca de uma imaginação inventiva. Leher sinalizou também que a formação continuada deve estar pautada na recusa da junção de quem pensa e quem executa, mas que precisamos unidos exercitar a escuta e o diálogo verdadeiro em torno do que é feito na escola.

Glat e Pletsch (2010) são duas autoras que igualmente vêm argumentando sobre a universidade e sua missão formadora. Mantendo a educação inclusiva como ponto de partida, as autoras analisam a universidade como a instituição que trará uma grande contribuição na operacionalização das políticas de inclusão educacional, a partir de suas três dimensões constitutivas: ensino, pesquisa e extensão. As autoras destacam o papel da universidade pública ao afirmarem que “o papel e responsabilidade social da universidade”, sobretudo da universidade pública, se consolidará na produção de conhecimento para a formulação e para o desenvolvimento do “debate crítico sobre as políticas educacionais, na formação de educadores e demais profissionais e na criação de parcerias e iniciativas inovadoras com a comunidade” (GLAT & PLETSCHE, 2010, p.352).

Elas prosseguem propondo a relação entre a teoria e a prática, reconhecendo-a fundamentalmente necessária ao se manifestarem formas diversas durante os momentos formativos desenvolvidos pela universidade em diferentes comunidades. Neste sentido, o desafio que se

³ palestra proferida por ocasião da aula inaugural do Curso de Pós-Graduação - Coordenação Pedagógica do Programa Nacional Escola de Gestores/UFRJ, realizada na Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, em 08 de abril de 2016.



apresenta para as universidades é o de formar profissionais da educação que sejam instrumentos “de novas atitudes e práticas que valorizem a diversidade humana” (GLAT & PLETSH, 2010. p.359).

O projeto de extensão universitário, um dos tripés das universidades, se localiza como uma possibilidade de oferta de formação continuada com o propósito de construir estratégias de ensino e adaptar atividades e conteúdos que permitam a aprendizagem e desenvolvimento de todos os alunos. Destarte a ação extensionista da universidade pública se apresenta como um modelo interessante e possível de formação continuada de docentes diante da falta de apoio e financiamento, das dificuldades de expansão universitária para as periferias do Brasil e, sobretudo, pela permanente dificuldade de acesso dos professores em serviço à formação docente, considerando suas cargas de trabalho.

Descrição da experiência

A experiência de formação que destacamos é o curso de Formação de Professores Alfabetizadores, que por um período, foi realizado em parceria com Secretarias Municipais de Educação da Baixada Fluminense.

A equipe de formadoras era composta por 3 professoras que pertenciam ao Departamento de Ensino Fundamental do Instituto e que voltavam seus estudos e práticas para as questões da alfabetização.

Semanalmente as professoras do Instituto dirigiam-se ao município com o qual a parceria fosse fechada naquele ano para realizar a atividade extensionista que não gerava ônus para a Prefeitura ou cursistas.

Aqueles encontros eram recheados de leituras, contato com diversas literaturas, troca de experiências, discussão teórico-prática e descoberta de novas formas de pensar os processos de alfabetização.

Ao ouvirmos depoimentos de professoras alfabetizadoras das redes municipais que participaram da formação percebemos a identificação e parceria estabelecida, pois o fato das formadoras estarem atualmente em turmas de alfabetização aproximavam-nas e fazia com que o discurso não fosse de imposição ou superioridade, mas sim de cumplicidade, parceria e troca.

“Todos os encontros eram de deslumbramento e descoberta de uma prática, interessante, inteligente, lúdica, recheada de amor e teoria. As “meninas” pareciam flutuar pela sala nos encantando, com uma fala suave e muito próxima dos nossos anseios e dúvidas. Nada distanciado, difícil, complicado. Elas nos mostravam com simplicidade, postura comprometida e envolvida. Aprendi a ter orgulho da minha profissão naquelas aulas. Nunca mais me envergonhei de ser professora. Ao contrário, percebi a necessidade de estudar muito, cada vez mais, me



especializada, pesquisar, debater, buscar sempre. Senti-me reconhecida como produtora de conhecimento. Já não precisava de manuais que buscavam me doutrinar, nem de me sentir escrava de livros didáticos. O curso me libertou para que eu pudesse construir minha prática com meus alunos e juntamente com eles, descobrir o prazer de ensinar-aprender.”(P17) Souza, 2013.

As formadoras eram carinhosamente chamadas de “meninas”. Não havia um tom professoral em suas falas e sim de parceria. Mikhail Bakhtin, um filósofo no qual temos debruçado nossos estudos nos ajuda a olhar para essa atividade extensionista quando nos traz a questão do tom. *Um tom emotivo-volitivo, uma valoração real, não se referem ao conteúdo enquanto tal, tomado isoladamente, mas na sua correlação comigo no existir que nos engloba. PFAR, 2010. pág 90*

O tom é a valoração que o nosso ser carrega no existir daquele ato. E quando pesquisamos e destacamos esta atividade formadora, fazemos por observar em nossas pesquisas ser uma experiência formativa que se destaca pelo tom desde sua organização. Destacadas as devidas diferenças entre as condições de trabalho das participantes e formadoras, ambas vivenciavam as questões dos processos de alfabetização junto aos seus estudantes. Era a teoria discutida com formadoras que estavam vivendo, naquele momento também, as questões práticas.

Em entrevista à Revista Educação em 2016, o professor Antonio Nóvoa destaca a importância de uma formação que não seja somente técnica.

Nenhum de nós nasce professor, nós nos tornamos professores. A formação deve ser um processo de constituição de uma cultura profissional, de um gesto profissional, de uma maneira de ser profissional. Formar um professor é conseguir que alguém aprenda a conhecer, a pensar, a sentir e a agir como um profissional docente.

Avaliação dos resultados

Destacamos para a escrita deste trabalho apenas um relato de uma participante da atividade extensionista. Porém, a pesquisa da qual ele foi extraído é composta de mais relatos que destacam a importância desta formação para as professoras alfabetizadoras participantes.

A transformação do olhar e a valorização de sua própria prática, a descoberta de si como professora alfabetizadora, a consciência crítica da relevância da alfabetização para os estudantes e para a transformação da realidade social, a reflexão sobre outros modos de fazer em conjunto com os já enraizados, mudanças na organização do trabalho pedagógico nas escolas e salas de aula, o sentir e o agir. Esses são alguns pontos que podemos destacar a partir do que ouvimos e vivenciamos neste curso de formação que transformou-se em objeto de estudo ainda quando éramos professoras alfabetizadoras das redes municipais devido à sua relevância para as nossas práticas.



Considerações finais

Dessa forma, o Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira – CAp/UERJ – criado para ser campo de estágio das licenciaturas e de experimentação de novos e diferentes recursos em Educação, inserido, integralmente, na estrutura organizacional da UERJ, representa mais uma alternativa de qualidade de ensino, pesquisa, extensão e cultura para o Estado, com seu grande diferencial de poder perpassar pelos ensinos fundamental, médio e superior.

O professor Antonio Nóvoa na entrevista já citada anteriormente, ao destacar um bom exemplo de formação diz: *O projeto francês das Escolas Superiores do Professorado de Educação é mais avançado e vale a pena ser acompanhado com muito cuidado. Eles criaram uma escola em cada região da França. Elas têm, lá dentro, os universitários, os docentes, os professores de escolas e os responsáveis por políticas públicas de educação. Ou seja, é uma instituição que não é apenas universidade: é fortemente universitária, tem a dimensão universitária – há possibilidades de fazer mestrados e doutorados –, é como se fosse uma placa de ligação entre diversos mundos.*

Ao propor essas reflexões sobre as práticas extensionistas do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira em diálogo com autores que pensam os processos formativos docentes, concluímos ser ele um espaço relevante e potente para atividades de troca, parceria e formação docente inicial e continuada.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*; tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Ed. Forense-Universitária, 1981.

_____. *Estética da criação verbal*. 6. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2009.

_____. *Para uma Filosofia do Ato Responsável*; São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

GATTI, Bernadete Angelina e BARRETO, Elba Siqueira de Sá. *Professores do Brasil: impasses e desafios*. Brasília: UNESCO, 2009. 294p.

GATTI, A. Bernadete. *Formação de professores: condições e problemas atuais*. Revista Brasileira de Formação de Professores. Vol.1, n.1, p.90-102, maio/2009.

GLAT, R.; PLETSCHE, M. D. *O papel da Universidade no contexto da política de Educação Inclusiva: reflexões sobre a formação de recursos humanos e a produção de conhecimento*. Revista Educação Especial. v. 2, p. 345-356, 2010. Disponível em: << <http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>>> Acesso em 24/06/2016.



LEHER, Roberto. *Um novo senhor da educação? A política educacional do Banco Mundial para a periferia do capitalismo*. Outubro, v. 1, n. 3, p. 19-30, 1999.

NÓVOA, A. *Para uma formação de professores construída dentro da profissão*. Disponível em: << http://www.revistaeducacion.mec.es/re350/re350_09_por.pdf. Acessado em 25/07/2016>> Acesso em: 24/06/2016.

NÓVOA, A. O lugar da licenciatura. Disponível em: << <http://www.revistaeducacao.com.br/o-lugar-da-licenciatura/> Acesso em 01/06/2017.

PONZIO, Augusto. *Procurando uma palavra outra*. São Carlos. Pedro & João Editores, 2010.

SOUZA, Ana Lucia Gomes de, *Formação continuada de alfabetizadores: uma experiência formativa de professores em Mesquita/RJ*. UFRRJ, 2013. Dissertação de mestrado apresentado no PPGEDuc/ UFRRJ em 2013.

<http://www.cap.uerj.br/site/images/stories/noticias/projeto-politico-pedagogico-1.pdf>

